

TBR, Marcelo Iorio, GLO, Casa Chacra, SER, Jorjane Figueiredo

JANAÍNA FIGUEIREDO



Sem mea-culpa no Planalto

Durante a conversa entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o secretário de Estado americano, Antony Blinken, em Brasília, quarta-feira passada, não foi mencionada a palavra Holocausto. O momento em que ambos conversaram sobre o conflito entre Israel e o grupo terrorista Hamas, em meio à crise diplomática entre Brasília e Tel Aviv desden-

deada por declarações feitas por Lula em sua visita à Etiópia, surgiu por iniciativa de Blinken, que, segundo fontes do Palácio do Planalto, foi quem puxou o assunto. Foi uma conversa cordial, na qual as duas partes deram sua opinião. Blinken contou que é descendente de sobreviventes dos campos de concentração nazistas e frisou que, na visão da Casa Branca, o que aconteceu na Faixa de Gaza não é genocídio. Já o presidente brasileiro e, também, seu assessor de Assuntos Internacionais, Celso Amorim, reiteraram que o Brasil discorda do governo americano e apoia a ação movida pela África do Sul contra o Estado de Israel na Corte Internacional de Justiça (CIJ). Nessa ação, o governo sul-africano acusa as autoridades israelenses de cometerem um genocídio contra os palestinos na Faixa de Gaza.

Na conversa, acrescentou a fonte brasileira, Blinken concordou como Brasil na defesa de que seja criado um Estado palestino. Foi, para o governo brasileiro, uma troca cordial de ideias. Não houve nem há necessidade de fazer contagem de danos com o governo Biden, como tampouco, avaliam os assessores de Lula, com nenhum outro governo estrangeiro. A crise, enfatizam, é com Israel e dentro do Brasil, onde, afirmam as mesmas fontes, o bolsonarismo pegou carona, às vésperas da manifestação a favor do ex-presidente na Avenida Paulista, dia 25.

Lula e seus assessores não falam em auto-crítica, mea-culpa nem nada parecido. Não se faz a avaliação de que a fala sobre Lula comparando o que Israel faz na Faixa de Gaza com o que Hitler fez com os judeus causou danos à imagem do Brasil. Muito menos que contaminou a reunião de chanceleres do G20 no Rio. O presidente, que visitou a Embaixada da Palestina antes de sua última viagem, não está preocupado com o impacto global de suas declarações. Pelo contrário, Lula parece aliviado. Como me disse uma fonte diplomática: o Brasil saiu de cima do muro.

Enganam-se os que acham que Lula pensou em algum momento em recuar. O presidente abraçou uma causa e não pretende soltá-la. Se isso terá consequências para o Brasil, o tempo dirá. Se o Brasil perderá credibilidade para atuar como mediador de conflitos — no Oriente Médio e outras regiões do mundo — ficará claro quando as águas se acalmarem. A única coisa certa, hoje, é que o custo para Lula, em termos de relações externas, não foi elevado. Os EUA tiveram um comentário light, na mesma conversa em que trataram de muitos outros temas, como a crise na Venezuela. Washington precisa do Brasil para enfrentar as tensões com Nicolás Maduro num ano em que a Venezuela deve convocar eleições presidenciais, assim como precisa de Colômbia. Equações na política externa são complexas, nada é branco ou preto. A fala de Lula, asseguram as fontes, não foi preparada, não houve nenhuma conversa com o chefe de gabinete que vem pensando há muito tempo. Pensar é uma coisa, falar é outra bem diferente. Mas já está feito, e não há arrependimentos. Vê-se que segue, concluiu uma das fontes.

Lula fala em esforços de paz na Ucrânia a Lavrov

Chanceler russo passou uma hora no Palácio da Alvorada um dia depois de presidente receber chefe da diplomacia americana. Brasileiro foi convidado e confirmou ida a Moscou para reunião de cúpula do Brics

ELIANE OLIVEIRA E BRUNO GÓES
Internacionalistas em Br
asil

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva se reuniu ontem, no Palácio da Alvorada, com o chanceler russo, Serguei Lavrov. No encontro, Lavrov expôs as posições da Rússia em relação ao conflito na Ucrânia, e Lula reiterou que o Brasil continua disposto a colaborar com os esforços em favor da paz, de acordo com o Palácio do Planalto. O diplomata chegou ao encontro por volta das 18h e saiu uma hora depois. O encontro com o chanceler russo aconteceu um dia depois de Lula conversar, por quase duas horas, com o chefe da diplomacia americana, Antony Blinken. A reunião ocorreu a pedido de Lavrov, que veio ao Brasil para participar do encontro de chanceleres do G20, no Rio. Foram discutidos temas da agenda bilateral e questões globais, segundo o governo brasileiro.

Lavrov transmitiu a Lula uma mensagem do presiden-

te da Rússia, Vladimir Putin, de apoio à presidência do Brasil do G20. Ele reforçou o convite ao presidente brasileiro para a cúpula do Brics em outubro, na Rússia. Lula confirmou que irá a Moscou. Um dos principais auxiliares de Putin, Lavrov também reiterou que seu país concordou com o pleito do Brasil para ocupar assento permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas — uma demanda de décadas da diplomacia brasileira.

CARONADAFAB

Os russos sofrem sanções econômicas dos Estados Unidos, da União Europeia e outros países ocidentais por conta da invasão da Ucrânia, que amanhã completa dois anos. O Brasil, no entanto, é contra esse tipo de punição e não defende a forma multilateral, ou seja, aprovada pela ONU — o que complica ainda mais a situação, pois a Rússia, como membro permanente do Conselho de Segurança, tem poder de veto no órgão. De acordo com o comunicado do Planalto, Lula reafirmou a importância de uma nova governança global para lidar com temas como inteligência artificial e



Parceiros de Brics. O presidente Lula cumprimenta o chanceler russo, Serguei Lavrov, no Palácio da Alvorada, Brasília

de financiamento aos países em desenvolvimento. Lavrov esteve no Rio, onde participou de um encontro de chanceleres do G20. Em entrevista exclusiva aos jornais O GLOBO e Valor publicada na edição de quarta-feira, o chanceler russo disse que seu país quer fortalecer a relação com o Brasil e que o Brics é prioridade do Kremlin. Indicou que a Rússia vê com simpatia a propo-

sta brasileira de se criar um grupo de amigos para mediar a paz com a Ucrânia e criticou o excesso de armas fornecidas pelas nações do Ocidente aos ucranianos. O governo brasileiro trouxe Lavrov a Brasília em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB). Havia preocupação com o abastecimento de combustível do avião russo que levou Lavrov para a reunião do G20 no Rio.

Como a Rússia, após invadir a Ucrânia, passou a ser alvo de sanções pelos Estados Unidos e outros países ocidentais, empresas brasileiras têm receio de abastecer a aeronave russa e desagradar aos americanos. A informação é que o avião de Lavrov, que foi abastecido por uma empresa com o nome não revelado, permaneceria no Rio até o retorno do chanceler à Rússia. De lá, ele voltaria para seu país. Um tema delicado que cerca o governo russo é a morte recente, em uma prisão da Sibéria, de Alexei Navalny, advogado, ativista e considerado o principal opositor de Putin. O governo brasileiro não esclareceu se esse tema foi tratado na reunião. Em uma entrevista a jornalistas no último domingo, na Etiópia, Lula foi perguntado sobre o que achava da morte de Navalny, em um momento em que vários países avaliavam que o opositor, na verdade, havia sido assassinado. O presidente brasileiro disse que não iria se manifestar, por uma questão de bom senso: — Se a morte está sob suspeita, temos que primeiro fazer uma investigação para saber do que o cidadão morreu.

Blinken defende reforma do Conselho de Segurança da ONU

Segundo o secretário de Estado dos EUA, órgão não representa mundo atual

EMANUELE BORDALLO E
THAYZ GUIMARÃES
Internacionalistas em Br
asil

Um dia após um encontro de quase duas horas com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em Brasília, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, defendeu a reforma do Conselho de Segurança da ONU, afirmando que as instituições precisam refletir "mais o mundo de hoje", em vez do mundo de quando foram criadas, "a maioria delas 80 anos atrás". O chefe da diplomacia dos EUA conversou com a imprensa ontem, no Rio de Ja-

neiro, em um evento à parte da reunião de chanceleres do G20 — grupo que reúne as 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e a União Africana. — Estamos atuando no esforço de expandir o Conselho de Segurança da ONU, tanto em termos [de membros] permanentes quanto de não permanentes, para que ele reflita melhor o mundo de hoje. O chefe da diplomacia americana também disse "discurdard profundamente" da comparação feita por Lula

la, no domingo, relacionando a ação militar de Israel no território palestino com o Holocausto — o genocídio de 6 milhões de judeus pelo governo nazista alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Mas minimizou a polémica dizendo que divergências fazem parte da relação entre "amigos". — Nós temos diferenças em alguns problemas e em como abordamos esses problemas, e é nesta questão em particular da comparação de Gaza com o Holocausto, nós discordamos profundamente. Mas isso também algo que amigos

fazem — ponderou. A fala foi reiterada mais tarde em entrevista à GloboNews, quando Blinken afirmou que, assim como o Brasil, os EUA também querem o fim do conflito em Gaza. — Para nós, como eu disse, está muito claro que não há comparação alguma. Também sei que o presidente Lula é motivado pelo sofrimento

das pessoas e quer ver isso acabar. Assim como nós. Também temos isso em comum — disse Blinken. Na coletiva, Blinken reafirmou ainda o apoio do país à agenda do Brasil na presidência rotativa do G20, centrada no combate à fome e à pobreza, no desenvolvimento sustentável e na reforma governança global. Com um forte

discurso pela preservação ambiental, o secretário citou uma declaração feita por Lula durante o encontro com o presidente americano, Joe Biden, em Washington em 2023. — Cuidar da Amazônia hoje, é cuidar do planeta Terra. E cuidar do planeta Terra é cuidar da nossa própria sobrevivência — disse Blinken. Ele também não perdeu a oportunidade de rivalizar com seu contraparte russo, o chanceler Serguei Lavrov. Segundo a imprensa oficial da Rússia, Lavrov teria criticado uma suposta "politicização" do G20, alegando que "a inclusão de questões não essenciais, entre elas a questão ucraniana", na agenda do grupo "por instigação do Ocidente é destrutiva". — Se não somos capazes de lidar com problemas de paz e segurança, vai ser muito mais difícil, ou mesmo impossível, lidar com o que estamos tentando alcançar através do G20 — afirmou.



Amigos. Blinken reforçou parceria Brasil-EUA durante coletiva de imprensa

